

e-book

RAÍZES EM MOVIMENTO

Módulo - Estratégias antirracistas



RAÍZES EM
MOVIMENTO



EMPODERA
Transformação Social pelo Esporte



Expediente

REALIZAÇÃO

Empodera - Transformação Social Pelo Esporte
Praça Mahatma Gandhi, 2 - sala 1210
Rio de Janeiro, RJ - CEP 20031-908
www.empodera.org.br

REDAÇÃO | EMPODERA:

Raissa Vieira G. da C. Sobral, Fernanda Garcia
e Gabriela Furtado do Nascimento

REVISÃO | EMPODERA:

Thaís Olivetti

DESIGN E DIAGRAMAÇÃO:

Hillary de Oliveira

© 2025 Empodera. Todos os direitos reservados.
Este material, E-book Raízes em Movimento
- Estratégias Antirracistas, é parte do
material curricular do projeto Raízes em
Movimento, implementado pela Empodera.



Lei de
Incentivo ao
Esporte



MINISTÉRIO DO
ESPORTE





Sumário

Introdução » 4

Sobre o Raízes em Movimento » 6

Metodologia » 9

Sobre a Empodera » 11

1. Estratégias Antirracistas » 12

2. Educação Antirracista » 15

3. Racismo é crime, denuncie! » 25

Aprofunde suas raízes » 30

Referências » 31



Introdução

Esta série de e-books é uma semente do projeto Raízes em Movimento, desenvolvido e implementado pela Empodera - Transformação Social pelo Esporte. Este material foi idealizado com o objetivo de sistematizar e compartilhar os principais conteúdos e práticas construídas ao longo da jornada formativa do primeiro ano do projeto.

Além de registrar os conceitos e estratégias trabalhadas, a série de e-books do Raízes em Movimento tem como objetivo inspirar e apoiar profissionais que atuam com esporte e práticas corporais voltadas para crianças e adolescentes, especialmente aqueles que trabalham com povos e populações tradicionais nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.



Cada e-book também reúne reflexões e relatos compartilhados pelas pessoas participantes do projeto. Ele serve como um recurso pedagógico contínuo, podendo ser atualizado ao longo das próximas edições do Raízes em Movimento para incorporar novos aprendizados.

Organizados em módulos temáticos, os conteúdos refletem as principais abordagens do projeto. Convidamos você a explorar esta série com atenção às possibilidades de transformação que o esporte pode proporcionar. Que ela inspire novas práticas e ajude a criar um esporte mais inclusivo, seguro e igualitário para meninas e mulheres em todo o Brasil.

*"A gente **precisa ter** esse conhecimento."*

- Participante do território de São Bento, Maranhão.





Sobre o *Raízes em Movimento*

O *Raízes em Movimento* foi criado com o propósito de construir estratégias para aumentar a participação de meninas e mulheres no esporte, promovendo a equidade de gênero e raça. A partir de uma metodologia colaborativa e dinâmica, o projeto oferece uma jornada formativa destinada a profissionais que atuam diretamente com esporte e práticas corporais, priorizando comunidades indígenas, quilombolas e outras populações tradicionais em contextos de vulnerabilidade social.

Em sua primeira edição, o projeto foi implementado em duas localidades: Prado, no extremo sul da



Bahia, e São Bento, na Baixada Maranhense. Essas regiões foram selecionadas devido aos desafios significativos que enfrentam, como a falta de oportunidades formativas para profissionais e as barreiras que meninas encontram para acessar e permanecer no esporte.

Os encontros, realizados em formatos on-line e presenciais, abordam temas como as barreiras estruturais e culturais para o acesso de meninas e mulheres ao esporte; violências de gênero e marcos legais; e estratégias antirracistas. Respeitando os aspectos socioculturais de cada território, o projeto promove um espaço de troca de saberes e o fortalecimento de redes de apoio para estimular a transformação da realidade local.





"O projeto Raízes em Movimento trouxe pra minha vida um momento grandioso de felicidade, de grande expectativa. Há muito tempo trabalho com educação física, e posso dizer que esse projeto veio como algo inovador pra minha vida. **De hoje em diante as minhas aulas de educação física serão totalmente diferentes. As meninas da minha escola que me aguardem!**"

- Participante do território de Prado, Bahia.





Metodologia

A metodologia utilizada no Raízes em Movimento baseia-se em abordagens ativas e participativas, colocando as experiências e vivências das pessoas participantes no centro do processo de ensino-aprendizagem.

"Essa metodologia foi maravilhosa, é uma coisa que eu aprendi e achei fantástica. Essa forma lúdica de estar construindo conceitos, de estar passando informação, eu penso que vai ter muito fruto."

- Participante do território de Prado, Bahia.

De acordo com Diesel, Baldez e Martins (2017), metodologias ativas priorizam os aprendizes como protagonistas, valorizando suas experiências, opiniões e valores na construção coletiva do conhecimento. No Raízes em Movimento, essas metodologias são aplicadas por meio de estratégias pedagógicas como:

- **Pequenos grupos:** para aprofundar discussões, promover trocas e engajar ativamente todas as pessoas participantes;



- **Jogos e dinâmicas:** para facilitar a interação, desenvolver habilidades práticas e abordar temáticas de forma criativa e envolvente;
- **Quebra-gelos:** para acolher e integrar participantes, criando um ambiente seguro e colaborativo;
- **World Café:** como ferramenta para estimular diálogos em grande grupo, promovendo a cocriação de ideias e reflexões coletivas.

Essas abordagens buscam promover um aprendizado dinâmico e contextualizado, adaptável às especificidades culturais e sociais de cada território, além de criar um espaço de protagonismo e autonomia para as pessoas participantes.

*“Nunca participei de uma formação que eu pudesse falar coisas erradas e depois mudar de opinião. **Com confiança de falar, de errar, de aprender com os erros.**”*

- Participante do território de São Bento, Maranhão.



Sobre a *Empodera*

Fundada em 2017 no Rio de Janeiro, a Empodera - Transformação Social pelo Esporte é uma organização sem fins lucrativos que utiliza o esporte e as práticas corporais como ferramentas para promover os direitos das meninas e mulheres brasileiras. A missão da organização é promover o empoderamento dessas meninas e mulheres, respeitando suas pluralidades, e construindo um país onde possam exercer seus direitos e pleno potencial.

A atuação da Empodera está fundamentada em três pilares principais:

1. Implementação direta de projetos esportivos voltados para o empoderamento de meninas e mulheres;
2. Desenvolvimento e adaptação de metodologias esportivas inclusivas;
3. Suporte técnico a outras organizações para fortalecer programas esportivos mais seguros e acolhedores.

Com essa missão em mente, a Empodera busca transformar o esporte em um espaço de inclusão, aprendizado e empoderamento.



1. Estratégias Antirracistas

No Módulo Relações Étnico-Raciais da série de e-books Raízes em Movimento, apresentamos conceitos importantes para criação de estratégias antirracistas. Porém, para ampliar o repertório e favorecer as estratégias necessárias para a prática do antirracismo, é necessário também compreender o seu significado.



O que é Antirracismo?

“O antirracismo é uma ação que se propõe a coibir todo e qualquer tipo de violência com base em percepções sociais preconceituosas e na valorização e resgate histórico de culturas que por anos foram apagadas e desvalorizadas.”¹

Assim, as estratégias antirracistas buscam não apenas o enfrentamento ao racismo, mas também a valorização das culturas negra e indígena no Brasil. Além disso, o antirracismo se caracteriza como uma luta contínua, voltada para a garantia de direitos das populações impactadas pelas violências raciais. No Brasil, o movimento negro e o movimento indígena desempenham um papel central na formulação dessas estratégias, influenciando ações e políticas em nível nacional.

O movimento negro, por exemplo, desde o século XX se articula pensando em alternativas para lidar com a educação da população negra, que nesta época estava abandonada e excluída das oportunidades educacionais oferecidas. Com isso, nos anos 40 e 50, o movimento negro passa a reivindicar o acesso gratuito ao ensino fundamental para todas as crianças. Além disso, ressaltavam a

1 EMPODERA. Guia de Atividades – Projeto Pretas em Campo. 2023. p. 227. Disponível em: <https://www.empodera.org.br/recursos/>. Acesso em: 13/03/2025.



importância de desconstruir a ideia de inferioridade imposta à população negra através da valorização da **negritude**.



Negritude é um termo comumente utilizado para reafirmar a identidade e cultura dos povos negros possibilitando uma reflexão sobre a representatividade negra em diferentes contextos do mundo.

Da mesma forma, o movimento indígena tem se fortalecido, sendo fundamental para a conquista de direitos assegurados na Constituição de 1988. Sua atuação foi decisiva nas lutas pelo direito às terras indígenas, incluindo sua demarcação e regularização, na defesa da educação escolar indígena, que valoriza o protagonismo indígena com base em princípios filosóficos e pedagógicos ancestrais, e nas discussões sobre um modelo de saúde específico para os povos indígenas, resultando na criação do SasiSUS e da PNASPI.

Tais ações contribuem para o fortalecimento de políticas públicas que agem em prol do enfrentamento ao racismo. Como o racismo é estrutural em em nossa sociedade, é necessário que, **para além de não ser racista, que sejamos antirracistas**.



2. Educação Antirracista

A educação antirracista é um movimento essencial que visa transformar a sociedade ao promover a compreensão, a valorização e o respeito pelas diversas culturas e identidades raciais. Ao enfrentar o racismo de forma direta e consciente, essa abordagem busca reeducar as pessoas sobre os impactos devastadores do preconceito e discriminação racial, além de fomentar a empatia e a solidariedade entre diferentes grupos étnicos. Assim, a educação antirracista se torna uma ferramenta poderosa para a construção de um futuro mais justo e igualitário, onde a riqueza cultural de povos negros e indígenas é não apenas reconhecida, mas também celebrada e protegida.



“Às vezes a gente sofre e nem sabe que estamos sofrendo preconceito. Às vezes sofre e não sabe que tem uma lei para essa situação. Por não ter conhecimento, não sabe como agir, se isola, não sabe a quem procurar.”

- Participante do território de São Bento, Maranhão.

O antirracismo é também uma ação prática, e, portanto, é essencial desenvolver estratégias para sua implementação. No contexto escolar, as leis N°10.639 e N°10.645 são políticas públicas antirracistas que tornam obrigatórias, respectivamente, o ensino da história e cultura afro-brasileira e o ensino da história e cultura indígena nas escolas. Além dessas leis, destaca-se também a lei de cotas - Lei N°12.711 - que obriga a reserva 50% das vagas em universidades e instituições federais para grupos racializados. Essas leis têm desempenhado um papel importante ao longo dos anos na promoção do combate ao racismo. Fora do contexto escolar, temos a lei N° 12.288² estabelecida pelo Estatuto da Igualdade Racial,

2 BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Estatuto da Igualdade Racial. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 jul. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm . Acesso em: 13/03/2025



que exige que as empresas também promovam o antirracismo.



Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica³.

A escola, assim como outros espaços sociais, pode reproduzir diferentes formas de violência, entre elas o racismo. Muitas vezes confundido com bullying, o racismo deixa marcas profundas em estudantes racializados. Essa reprodução ocorre por meio do reforço de preconceitos raciais, que impõem às vítimas um sentimento de inferioridade.

Ao discutir questões raciais com estudantes, é comum que o racismo seja comparado ou até confundido com o bullying. Embora ambos possam ter impactos negativos na saúde mental e física das vítimas, é essencial compreender suas diferenças para que possam ser identificados e combatidos de maneira adequada.⁴ **Racismo não é bullying!**

3 BRASIL. Lei no 12.288, de 20 de julho de 2010. Estatuto da Igualdade Racial. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 jul. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm . Acesso em: 13/03/2025

4 Adaptação do *Almanaque Antirracista para Profissionais da Educação*, realizado pela Empodera e ONU Mulheres. 2022, p.33. Mulheres, 2022, p. 33.



Bullying: Caracteriza-se por ações repetitivas e sistemáticas que causam sofrimento às vítimas. Sendo uma forma de violência, deve ser combatido por meio do suporte adequado à pessoa afetada, do incentivo para que testemunhas intervenham e da identificação do agressor.



Racismo recreativo: Trata-se de uma forma disfarçada de dominação que utiliza o humor para mascarar a hostilidade racial, perpetuando preconceitos sob o pretexto de brincadeira.⁵

Além das interações entre estudantes, é fundamental também pensar na relação entre professores e estudantes, especialmente no que se refere ao conteúdo abordado em sala de aula. A valorização da história e cultura negra e indígena não deve se restringir a turmas com maioria de alunos racializados, mas estar presente em toda a educação. Para isso, **é essencial desconstruir estereótipos e afrocentrar o ensino**, promovendo uma abordagem mais inclusiva e representativa.

5 Adaptação do *Almanaque Antirracista para Profissionais da Educação*, realizado pela Empodera e ONU Mulheres. 2022, p.33. Mulheres, 2022, p. 33.



Afrocentrar: Colocar o pensamento e a ação no centro das discussões, direcionando a centralidade para os valores e perspectivas africanas, especialmente no contexto da diáspora africana.⁶

Ao relatar a história do Brasil Colônia, por exemplo, muitas narrativas enfatizam apenas o sofrimento dos africanos sequestrados, a violência contra seus descendentes e a falsa ideia de que os povos indígenas não resistiram à invasão de suas terras. Essa visão distorcida reflete um relato centralizado nas noções europeias, que invisibiliza as lutas e resistências dessas populações.

Portanto é necessário romper a reprodução desse tipo de perspectiva e abrir as portas para a história de reis e rainhas africanos, da resistência indígena da construção de uma cultura fundada a partir da diversidade entre os povos originários e ancestralidade africana.

Um exemplo positivo nesse sentido foi o desfile das escolas de samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro, em 2025, onde a G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti apresentou o enredo “Quem tem medo

6 REIS, Maria Conceição; SILVA, Joel Severino; ALMEIDA, Gabriel Swahili Sales. *Afrocentricidade e pensamento decolonial: perspectivas epistemológicas para pesquisas sobre relações étnico-raciais*. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 21, n. 62, p. 131-143, jul./set. 2020. Seção Temática Raça e Cultura.



de Xica Manicongo?”⁷, destacando a história da primeira mulher trans registrada no Brasil. O nome “Manicongo” refere-se a reis e rainhas do Congo, evidenciando sua origem e posição.

Apesar das tentativas de apagamento de sua identidade, Xica resistiu às imposições da época, vestindo-se com roupas femininas, desafiando os padrões coloniais e sendo condenada pela Santa Inquisição, que a via apenas pelo gênero atribuído ao nascer. Hoje, Xica Manicongo é um símbolo de luta e resistência, tanto racial quanto de gênero, dentro da comunidade LGBTQIA+.

Como podemos perceber, o samba não é só um gênero musical. Através dele, podemos remontar trajetórias históricas do Brasil. Exemplos disso são figuras como **Xica Manicongo** e o **Dragão do Mar Francisco José do Nascimento** (também tema de samba enredo da Paraíso do Tuiuti) que representam o protagonismo negro frente a opressões de sua época, resistindo a injustiças fundadas no **racismo estrutural**, chegando a personalidades contemporâneas, como Milton Nascimento, Érika Hilton e Alcione.

⁷ CARNAVAL 2025. Liesa, 2025. Disponível em: <https://liesa.globo.com/carnaval/escolas/paraíso-do-tuiuti/enredo.html> Acesso em:13/02/2025



Podemos compreender o **racismo** como **estrutural** a partir da ideia de que ele é parte do alicerce que funda a sociedade brasileira, ou seja, uma nação alicerçada em bases racistas. O que significa uma multiplicidade de obstáculos estruturais para o acesso de pessoas negras a direitos e oportunidades, por um lado; e, por outro, facilidades e privilégios para pessoas brancas.⁸

Através do samba, que hoje é um dos símbolos nacionais, é possível recontar fatos históricos valorizando a cultura negra. Ainda tendo o samba como fruto de inspiração, o Tambor de Crioula do Maranhão e o samba de coco de Pernambuco são representantes de uma cultura que exala negritude.

A educação escolar indígena também nos trará importantes inspirações para traçar estratégias que irão colocar em prática o antirracismo e reafirmar o lugar de saber das tradições dos povos indígenas. Por exemplo, destacamos os jogos escolares e os jogos dos povos indígenas que, ao colocar nas modalidades das provas os saberes e tecnologias ancestrais de cada território, mantém viva suas tradições.

As vestimentas usadas nesses jogos seguem as tradições de cada aldeia, ajudando a desconstruir a

8 MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Glossário antidiscriminatório: volume 3 – raça e etnia*. Belo Horizonte: MPMG, 2022. p.68. Acesso em: 11 mar. 2025.



ideia de inferioridade e a noção de que o diferente é feio ou estranho (percepções impostas pelo racismo e reforçadas por suas violências). **Valorizar a estética e a beleza indígena é, portanto, uma poderosa estratégia antirracista.**



Algumas das figuras importantes da população indígena no Brasil.

- **Sônia Guajajara:** Primeira Ministra dos Povos Indígenas
- **Alice Pataxó:** Ativista e comunicadora indígena
- **Katú Mirim:** Mulher lésbica que usa o rap para questionar estereótipos de gênero e sexualidade
- **Arissana Pataxó:** Professora em escola indígena e artista plástica que foi indicada ao Prêmio PIPA





Incluir no planejamento educativo a apresentação de pessoas importantes para os povos negro e indígena, seus jogos, brincadeiras, músicas e festividades tradicionais é uma estratégia essencial para a valorização dessas culturas. Para isso, é recomendável incorporar essas manifestações no calendário da instituição, indo além de datas comemorativas, como o 19 de abril e 20 de novembro, e destacando momentos para celebrar a negritude, a cultura indígena e os festejos quilombolas de forma contínua.

O racismo não é inato, mas aprendido ao longo da socialização. Portanto, **educar com a compreensão de que a diversidade deve ser celebrada** é fundamental para construir caminhos que rompam com a perpetuação da discriminação e da violência.

E, para além de implementar as estratégias antirracistas é preciso se posicionar enquanto uma pessoa educadora antirracista. Compreender o impacto que o racismo tem na vida da sua turma, na sociedade e em você enquanto pessoa e educador também se constitui como estratégia antirracista. Fazer uma auto-reflexão irá ajudar a reconhecer o racismo em si e entender qual ou quais serão as estratégias para lidar com isso. Então faça perguntas, como: **Eu sei o que é racismo? Eu reproduzo estereótipos e preconceitos raciais? Na minha área de atuação, consigo identificar situações racistas? O que tenho feito para não reproduzir o racismo? Qual a minha autodeclaração? Tenho privilégios?**



Para que o antirracismo seja efetivo, é essencial reconhecer as diferentes formas de racismo, identificar como ele se manifesta no dia a dia e perceber de que maneira podemos, consciente ou inconscientemente, reproduzi-lo ou compactuar com práticas racistas institucionalizadas.⁹



Para aprofundar a compreensão sobre práticas antirracistas na educação, que tal a leitura do capítulo “Como tem sido sua atuação?” do [Almanaque Antirracista para Profissionais da Educação](#). Esse capítulo oferece reflexões e orientações relevantes para repensar ações e promover uma abordagem educacional comprometida com a equidade racial.

9 Adaptado de ONU MULHERES, 2022, p. 15.



3. Racismo é crime, denuncie!

O racismo é um crime previsto em lei e pode ser denunciado com base na Lei do Racismo, criada em 1989. Essa legislação criminaliza qualquer ato de discriminação ou preconceito relacionado à raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional (xenofobia) direcionado a um grupo ou coletividade.

Já a injúria racial refere-se a ofensas direcionadas a um indivíduo com base em sua cor, etnia, religião, idade ou deficiência. Recentemente, essa lei foi equiparada à Lei nº 7.716, tornando sua punição equivalente à do racismo.



Ambas agora são inafiançáveis e imprescritíveis, ou seja, podem ser denunciadas independentemente do tempo decorrido desde a violência sofrida ou testemunhada.



Como denunciar?

Ao registrar uma denúncia, é essencial reunir o máximo de informações possíveis, como data, horário, local e pessoas envolvidas. Sempre que possível, registre a situação por meio de vídeos ou áudios para que sirvam como prova no boletim de ocorrência.

Canais de denúncia nacional:

- Disque 100: Atendimento a violações de direitos humanos
- Disque 180: Atendimento específico para mulheres
- Fala.Br: Plataforma de ouvidoria do governo
- Ouvidoria do Ministério da Igualdade Racial

Além desses, há canais estaduais, como:

- Rio de Janeiro: Disque 1746, Disque Denúncia e Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi).



- Maranhão: Disque 181 e Disque Denúncia¹⁰ que pode ser realizado através do site¹¹ e telefone.
- Bahia: Disque Denúncia (181), Portal Disque Denúncia, Mapa do Racismo do MPBA, Ministério Público da Bahia, Defensoria Pública, Centro de Referência Nelson Mandela¹² e Tribunal Regional Eleitoral da Bahia
- Também é possível criar canais internos de denúncia e reclamação dentro de instituições, como escolas e locais de trabalho, possibilitando um acompanhamento mais próximo e ações educativas sobre o tema.

10 O Disque Denúncia do Maranhão pode ser realizado através dos seguintes telefones: (98) 3223-5800 (na capital), 0300 3135 800 (no interior) ou (98) 99224-8660 (whatsapp).

11 Site do Disque Denúncia do Maranhão: <https://disquedenuncia.ssp.ma.gov.br/denuncia>

12 Para maiores informações acessar: <https://www.ba.gov.br/sepromi/noticia/2024-03/3352/centro-de-referencia-nelson-mandela-oferece-servicos-para-vitimas-de-racismo#:~:text=Centro%20de%20Refer%C3%Aancia%20Nelson%20Mandela,dos%20povos%20e%20comunidades%20tradicionais>



Para saber mais!



Vídeos:

- “Pessoas brancas naturalizam privilégios achando que são direitos”, diz Djamila Ribeiro - <https://www.youtube.com/watch?v=mXAk7pcimek>
- Fim do racismo (Aula 8) | Racismo e Antirracismo no Brasil no Séc XXI- <https://www.youtube.com/watch?v=uKZkdltIHTU&t=23s>
- Você sabe como educar crianças contra o racismo? Temos ideias! | Por uma educação antirracistaEP#1- <https://www.youtube.com/watch?v=exVyK8t1bDA>
- A história de Xica Manicongo- <https://www.youtube.com/watch?v=uN1QTFk6KN8>



Para colocar em prática!



Na sessão “ESTRATÉGIAS ANTIRRACISTAS”, do [Guia de Atividades do Projeto “Pretas em Campo”](#), você encontra exemplos de atividades práticas que utilizam o futebol para trabalhar a temática.





Aprofunde suas raízes

Esperamos que este e-book tenha sido um solo fértil para o seu aprendizado! Convidamos você a explorar outros títulos da série de e-books do **Raízes em Movimento**, onde poderá aprofundar ainda mais seus conhecimentos e encontrar novas inspirações para ampliar sua prática educativa.



Módulo - Gênero e sexualidade



Módulo - Espaços seguros para meninas e mulheres no esporte



Módulo - Relações étnico-raciais



Referências

DPI/Iphan. **Dossiê 4 - Samba de Roda do Recôncavo Baiano**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), 2006. 216 p.

EMPODERA. **Guia de Atividades – Projeto Pretas em Campo**. 2023. Disponível em: <https://www.empodera.org.br/recursos/> . Acesso em: 13/03/2025.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira & SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Movimento negro e educação**. Revista Brasileira de Educação, Set. 2000, n° 15.

LUCIANO, Gersem dos Santos (Baniwa). **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Glossário antidiscriminatório: volume 3 – raça e etnia**. Belo Horizonte: MPMG, 2022. Disponível em: <https://www.mpmg.mp.br/data/files/CD/21/18/FF/7A9A48106192FE28760849A8/CCRAD%20MPMG%20Glossario%20Antidiscriminatorio%20vol%203%20-%20Raca%20e%20Etnia.pdf> Acesso em: 11 mar. 2025.



MOREIRA, E, C; WEIMER, W, R; **Violência E Bullying: Manifestações E Consequências Nas Aulas De Educação Física Escolar.** Revista Brasileira de Ciência do Esporte, v. 36, n. 1, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3wSDZsl> Acesso em: 13/03/2025

MOREIRA, A. **Racismo recreativo.** São Paulo: Pólen, 2019. p. 24

ONU MULHERES. **Almanaque Antirracista para Profissionais da Educação.** 2022. Desdobramento das discussões do Grupo de Trabalho de Práticas Antirracistas. Disponível em: <https://umavitorialevaaoutra.org.br/noticias>. Acesso em: 13/03/2025.

PEREIRA, Amilcar A. **O movimento negro brasileiro e a circulação de referenciais para a luta antirracista.** Portal Geledés, 03 nov. 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-movimento-negro-brasileiro-e-a-circulacao-de-referenciais-para-a-luta-antirracista/>. Acesso em: 13/03/2025

PEREIRA, Amilcar A; LIMA, Thayara C. Silva de. **Performance e Estética nas Lutas do Movimento Negro Brasileiro para Reeducar a Sociedade.** Revista Brasileira de Estudos da Presença [EPERIODICO], v. 9, p. 1-30, 2019.



REIS, Maria Conceição; SILVA, Joel Severino; ALMEIDA, Gabriel Swahili Sales. **Afrocetricidade e pensamento decolonial: perspectivas epistemológicas para pesquisas sobre relações étnico-raciais.** Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 21, n. 62, p. 131-143, jul./set. 2020. Seção Temática Raça e Cultura.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista: Para familiares e professores.** São Paulo. Editora Planeta, 2023.

CARNAVAL 2025. Liesa, 2025. Disponível em: <https://liesa.globo.com/carnaval/escolas/paraiso-dotuiuti/enredo.html> Acesso em:13/02/2025

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RAÍZES EM MOVIMENTO



EMPODERA
Transformação Social pelo Esporte